

## Crianças com autismo, família e espiritualidade

*Nilton Eliseu Herbes<sup>1</sup>  
Liane Rossales Dalprá<sup>2</sup>*

### RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental caracterizada pelo comprometimento de duas áreas do desenvolvimento: habilidades sociocomunicativas e comportamentos restritos e repetitivos, os quais têm influência nas relações e nas trocas estabelecidas com o meio. A família é o grupo social primário, constituindo um suporte de extrema importância para que o indivíduo se desenvolva, se forme e aprenda a viver em sociedade. Quando nasce um filho com autismo, o impacto do diagnóstico nos pais faz com que o ciclo de vida familiar se altere, acarretando um esforço adicional para os pais, pois têm de se reorganizar para se adaptarem à família com uma realidade nova. Esta pesquisa teve como objetivo, investigar quais as implicações que o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) traz à família. Trata-se de um estudo de descritivo, bibliográfico, documental, realizado através de uma revisão da literatura. Para a revisão foram selecionados os estudos que respondessem à questão norteadora: Quais as implicações que o diagnóstico de TEA traz à família? Baseado na pesquisa, concluiu-se que quando nasce um filho com autismo, o impacto do diagnóstico na

---

<sup>1</sup> Teólogo. Doutor em Teologia. Docente do curso de Teologia da Faculdades EST. São Leopoldo, RS.

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestre em Teologia. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário da Grande Dourados/UNIGRAN. Dourados, MS.

família faz com que o ciclo de vida familiar se altere, acarretando um esforço conjunto para se reorganizar e se adaptar a uma realidade nova. As adaptações e mudanças efetuadas ao nível familiar e social são significativas. As redes de apoio e as estratégias de *coping* familiar facilitam o ajustamento e diminuem a angústia e a ansiedade da família que convive com um membro autista.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Autismo, família, *coping*.

### **ABSTRACT**

Autism Spectrum Disorder (TEA) is a neurodevelopmental condition characterized by impairment of two areas of development: socio-communicative skills and restricted and repetitive behaviors which influence the relations and the exchanges established with the surroundings. The family is the primary social group, constituting an extremely important support system for the individual to develop, to be formed and to learn to live in society. When a child is born with autism the impact of the diagnostic on the parents causes a change in the cycle of the family life, demanding additional effort for the parents since they have to reorganize in order to adapt to the family with a new reality. The goal of this research is to investigate what implications the diagnostics of autism spectrum disorder have on the family. It is a descriptive, bibliographic, documental study carried out through a review of literature. For this review studies that answered the following guiding question were selected: What are the implications of a diagnostic of TEA on the family? Based on the research the conclusion is that when a child is born with autism, the impact of the diagnostic on the family causes alterations in the family cycle, demanding joint effort to reorganize and to adapt to a new reality. The adaptations and changes that take place at the family and social level are significant. The support networks and the strategies of family coping facilitate adjustment and diminish the anguish and anxiety of the family living with an autistic member.

### **KEYWORDS**

Autism. Family. Coping.

## Introdução

Atualmente, o transtorno do espectro autista é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento e de etiologia multicausal, que manifesta-se no início da infância e limita ou prejudica o funcionamento diário do indivíduo, e é caracterizado pelo comprometimento de duas grandes áreas do desenvolvimento humano: a comunicação e interação social, e a presença de comportamentos restritos e repetitivos<sup>3</sup>. Por não haver marcadores biológicos específico para o TEA, seu diagnóstico é clínico e baseia-se na observação direta de comportamentos característicos manifestados pela criança, tais como pouco contato visual, estereotípias, dificuldade de se relacionar com seus pares, dificuldade de lidar com alterações na rotina, hipersensibilidade sensorial, entre outros<sup>4</sup>.

O diagnóstico de TEA afeta não só o indivíduo que o recebe, mas também toda a família, pois o processo de enfrentamento desencadeia mudanças em toda dinâmica familiar. Diante disso, percebe-se a ocorrência de estresse e sobrecarga emocional em famílias que convivem com o autismo, devido ao tempo e energia que são necessários para dar conta da sobrecarga de cuidados exigida pela situação. Os pais, e a família como um todo, são confrontados com uma situação nova e desconhecida, que exige reajustamento e adaptações a nova realidade familiar<sup>5</sup>.

Por essa razão, este estudo tem como objetivo investigar quais as implicações que o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) traz à família. Através desse busca-se promover reflexão e o entendimento sobre as implicações do diagnóstico de TEA e repercussão do mesmo na família, visando fortalecer a família para o enfrentamento do diagnóstico. Conclui-se que quando nasce um filho com autismo, o impacto do diagnóstico na família faz com que o ciclo de vida familiar se altere,

<sup>3</sup> AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM V. 5.* ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

<sup>4</sup> ZANATTA, E. A. *et al.* Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. *Revista Baiana de Enfermagem* [online], Salvador, v. 28, n. 3, set./dez. 2014, p. 271-282.

<sup>5</sup> FAVERO-NUNES, M. A.; SANTOS, M. A. dos. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol. 23, n. 2, 2010, p. 208-221.

acarretando um esforço conjunto para se reorganizar e se adaptar a uma realidade nova. As adaptações e mudanças efetuadas ao nível familiar e social são significativas. As redes de apoio e as estratégias de *coping* familiar facilitam o ajustamento e diminuem a angústia e a ansiedade da família que convive com um membro autista.

### **Material e método**

Este estudo é descritivo, bibliográfico, documental, e realizado através de uma revisão sistemática da literatura. Para atender o objetivo proposto, realiza-se uma revisão da literatura dos estudos que procuram responder à questão norteadora: Quais as implicações que o diagnóstico de TEA traz à família?

Para a obtenção dos resumos a serem analisados, procedeu-se uma busca eletrônica utilizaram-se os descritores *autismo, família e coping* em língua portuguesa na Biblioteca Virtual de Saúde, nas bases de dados LILACS (*Literatura em Ciências da Saúde*), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Pepsic (Periódicos de Psicologia).

Os critérios de inclusão foram os seguintes: publicações em periódicos indexados nas bases selecionadas, em idioma português e inglês, publicadas nos últimos dez anos, que abordem o tema autismo e família. Definiram-se os seguintes critérios de exclusão: artigos que não abordem o tema autismo e família. Artigos repetidos em mais de uma base indexadora foram computados uma única vez. Realizou-se a análise descritiva e qualitativa do material, acompanhada de discussão crítica.

### **Resultados e discussões**

#### **A família (con)vivendo com o autismo**

A família se constitui no primeiro grupo social de um indivíduo. Por esse motivo, influencia o comportamento humano e a formação da personalidade. É na família que se dá as primeiras relações com o meio, “por tanto a participação de cada membro, com suas subjetividades e singularidades, afeta todos os outros, bem como é afetada por eles, numa

relação de interdependência”<sup>6</sup>. Assim, toda mudança exerce influência em cada membro individualmente e no sistema como um todo.

A chegada de uma criança com deficiência transforma o clima familiar e com isso os integrantes precisam mudar seus papéis, que até então estavam seguros e necessitam se adaptar as mudanças. O impacto é grande diante da descoberta de que um de seus membros tem necessidades especiais e a aceitação do fato depende da história de cada família, de suas crenças, preconceitos e valores<sup>7</sup>.

Martins<sup>8</sup> ressalta que “ainda que uma família tenha um bom ajustamento, harmonia, e laços que os fortalecem, quando surge em seu seio alguém que tenha alguma deficiência ela precisará se reajustar em muitas áreas”. Pois, para a família as limitações do membro com autismo é sempre um encontro com o desconhecido, com o inesperado, ao qual não tinham se preparado e enfrentar essa nova e imprevisível realidade causa sofrimento, confusão, frustrações e medo. “Ser pai e mãe neste momento significa embarcar em uma experiência complexa, repleta de dificuldades e extremas responsabilidades, pois a criança pode ser parcial ou totalmente dependente dos pais”<sup>9</sup>.

Segundo Favero-Nunes & Santos<sup>10</sup>, “um acontecimento que afeta qualquer um dos membros da família tem impacto sobre todos os outros, pelo que a presença de uma criança com deficiência altera a natureza e a dinâmica das interações familiares”.

<sup>6</sup> ANDRADE, A. A.; TEODORO, M. L. M. Família e autismo: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, vol. 5, n. 2, julho-dezembro 2012, p. 134.

<sup>7</sup> SILVA, M. O. E. da. Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. *Rev. Lusófona de Educação*, Lisboa, n. 13, p. 135-153, 2009. p. 138. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-72502009000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502009000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 17 maio 2015.

<sup>8</sup> MARTINS, M. *A família de pessoa com autismo e o cuidado na perspectiva do Aconselhamento Pastoral*. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012, p. 20. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=377](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=377)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

<sup>9</sup> ZANATTA, E. A. *et al.* Cotidiano de família que convivem com o autismo infantil. *Revista Baiana de Enfermagem* [online], Salvador, v. 28, n. 3, set./dez. 2014, p. 275.

<sup>10</sup> FAVERO-NUNES & SANTOS, 2010, p. 212.

A primeira dificuldade com que se depara a família é a do recebimento do diagnóstico, pois o impacto de uma doença crônica como o autismo, provoca um “choque” que leva a negação. É no momento do diagnóstico que os pais percebem que o filho ou a filha idealizado/a pode não corresponder às expectativas sonhadas, os anseios parentais tornam-se frágeis, se fazendo necessário um ajustamento à nova realidade familiar<sup>11</sup>.

A dinâmica familiar sofre mobilizações que vão desde aspectos financeiros até a qualidade de vida física, psíquica e emocional dos cuidadores. Na maioria das vezes os pais tem que fazer o luto pela perda do filho ideal, para que possam perceber as reais capacidades e potencialidades de sua criança”<sup>12</sup>.

O luto<sup>13</sup> dos genitores pela perda do filho ou da filha idealizado/a processa-se segundo três fases: (1) o conhecimento do diagnóstico: ao conhecer o diagnóstico, a reação inicial é de choque e revolta, posteriormente vivenciam sentimentos de ansiedade, frustração e a culpa, sentindo-se impotentes perante o diagnóstico e, por fim, pode acontecer a etapa da negação, em que as famílias não acreditam no diagnóstico do seu filho e procuram outros médicos na esperança de encontrar uma opinião diferente; (2) o processo de adaptação: começa-se a aceitar a deficiência, a família é capaz de falar acerca do problema e começa a reorganizar as ideias, começa a se aprender a viver com a criança portadora de deficiência e (3) a fase avançada da doença: surge o desejo de não expressar os sentimentos, contudo eles estão presentes ou pelo vazio que não se sabe preencher ou pelos sentimentos de mal-estar e de culpa<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> ZANATTA *et al*, 2014; SMEHA, L. N. & CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo* [online], Maringá, v. 16, n. 1, jan./mar. 2011, p. 43-50.

<sup>12</sup> FAVERO, M; SANTOS, M. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: reflexão e crítica* [online], v. 18, n. 3, 2005, p. 360.

<sup>13</sup> Luto é um sentimento profundo de tristeza e pesar, uma reação emocional a uma perda significativa. O luto é caracterizado por um período de consternação e saudade pela perda do objeto amado, “é um processo de aperceber-se, de tornar real o fato da perda”. Cf. NASIO, J. D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 199.

<sup>14</sup> COSTA, S. C. P. da. *O impacto do diagnóstico de autismo nos pais*. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Centro Regional das Beiras. Universidade Católica Portuguesa, Viseu. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ucp>>

Segundo Nogueira & Rio<sup>15</sup> é importante salientar que a negação aparece como uma defesa temporária, pois frente ao diagnóstico de TEA os pais se sentem impotentes, surgem os sentimentos de dor, angústia e sofrimento, por compreenderem que “esta síndrome tirou do seu filho possibilidade de desenvolver-se como qualquer criança”. A aceitação do diagnóstico é um processo gradual, que desencadeia nos pais sentimentos que vão do choque, negação, raiva, revolta e por vezes rejeição, até a construção de um ambiente familiar mais preparado para acolher esse membro com necessidades especiais<sup>16</sup>.

No entanto, conviver com os sintomas do autismo, muitas vezes, pode levar a família a um estado de desequilíbrio, o que evidencia a relação entre o autismo e o estresse familiar. O estresse familiar é influenciado pelas características específicas do autismo, onde o grau de dependência, as incapacidades cognitivas e as dificuldades de comportamento da criança resultam em maior estresse parental. Sendo a mãe o genitor que apresenta maior nível de tensão física e psicológica, em virtude de que a demanda dos cuidados com a criança recair, em sua maioria, sobre as mães. O sentimento de desamparo, por falta de suporte dos maridos, é frequente. Os pais acabam se ocupando com as responsabilidades financeiras e ocupacionais o que diminui sua participação com os cuidados da criança<sup>17</sup>.

Histórica e culturalmente a mulher é responsável pelo cuidado da família, portanto, as mães de crianças autistas acabam por serem as principais cuidadoras, passam a dedicar-se integralmente ao cuidado do filho ou da filha, acabam por serem sobrecarregadas com os cuidados da casa, da família e da criança autista, o que acarreta um alto nível de estresse<sup>18</sup>.

---

pt/bitstream/10400.14/11964/1/O%20impacto%20do%20diagn%C3%B3stico%20de%20autismo%20nos%20pais.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.

<sup>15</sup> NOGUEIRA, M. A. A; RIO, S. C. M. M. A família com criança autista: apoio de enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* [online], v. 5, jun., 2011, p. 274.

<sup>16</sup> SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. vol. 17, n. 2. Brasília, Mai-Ago/2001.

<sup>17</sup> SCHMIDT, C; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Interação em Psicologia* [online], v. 7, n. 2, 2004, p. 111-120.

<sup>18</sup> SMEHA & CEZAR, 2011, p. 43-50.

Vários são os fatores que podem contribuir para sobrecarga familiar, tais como:

a) o tempo – os genitores gastam muito tempo no cuidado e atenção às suas crianças deficientes, reduzindo seus contatos sociais e culturais; b) os recursos financeiros – os genitores arcam financeiramente com a maioria dos atendimentos à sua criança; c) os limites sociais e psicológicos – as atitudes da sociedade em relação às pessoas com deficiência mental, geralmente, não são positivas<sup>19</sup>.

Zanatta *et al*<sup>20</sup> apresenta estudos que apontam o quanto a rotina de cuidados, com o filho autista, é “árdua, difícil e cansativa pelo esforço físico e pelo desgaste emocional”, e muitas mães acabam deixando de trabalhar para se dedicar exclusivamente ao cuidado integral de seus filhos ou suas filhas. É importante salientar que além das atividades profissionais, as relações sociais e afetivas também sofrem significativas mudanças, diante disso “a mãe que dedica todo o seu tempo e sua energia para cuidar do filho com autismo, sacrifica-se enquanto mulher e esposa”<sup>21</sup>.

Siegel<sup>22</sup>, em seu estudo, aponta que, embora sejam valores difíceis de precisar, “cerca de metade dos pais, com crianças autistas, acabam por se separar. Há um elevado número de divórcios nas famílias com filhos autistas, uma vez que as relações do casal passam por duras provas”. As tensões e conflitos conjugais decorrem da confusão entre as diferentes funções exercidas pelo casal enquanto pai e mãe, principalmente a dificuldade materna de exercer papéis sociais que não aquele de cuidadora<sup>23</sup>.

Nota-se na literatura que os eventos estressores variam entre os genitores: pais estressam mais com comportamentos inadequados do que as mães, enquanto ambos estressam-se com as dificuldades sociais da criança. No entanto é fato que, o “convívio e os cuidados continuados

<sup>19</sup> SILVA & DESSEN, 2001, p. 137.

<sup>20</sup> ZANATTA *et al*, 2014, p. 275.

<sup>21</sup> SMEHA & CEZAR, 2011, p. 46,

<sup>22</sup> SIEGEL, B. *O Mundo da Criança com Autismo: compreender e tratar perturbações do espectro do autismo*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008, p. 20.

<sup>23</sup> FAVERO-NUNES & SANTOS, 2010.



prestados a criança com autismo se mostra como um poderoso estressor, que age sobre a vida destas famílias de modo muito característico”<sup>24</sup>.

Andrade & Teodoro<sup>25</sup>, em seu estudo com famílias de crianças autistas, não constataram evidências de estresse na relação familiar em um nível fraterno, entendem que o ajustamento entre irmãos está diretamente ligado aos estresses dos pais e não ao convívio com o irmão ou a irmã autista. Os autores perceberam que os irmãos ou as irmãs com desenvolvimento típico apresentam mais problemas de ajustamento, quando há estresse conjugal na família. Gomes & Bosa<sup>26</sup>, em um estudo semelhante, também “constataram que o estresse fraterno estava mais relacionado à qualidade das relações familiares que à condição diagnóstico do irmão neuroatípico”.

Em relação a isso, quando o estresse conjugal é elevado, os irmãos com desenvolvimento típico relatam menor satisfação no seu relacionamento com o irmão afetado, e dirigem mais comportamentos negativos e poucos comportamentos positivos a ele. Observa-se, assim, que um menor ajustamento conjugal nessas famílias pode trazer repercussões não só para as relações parentais, mas também as relações entre irmãos<sup>27</sup>.

Nogueira & Rio e Zanatta *et al*<sup>28</sup>, em seus estudos, salientam outra questão que está atrelada a convivência com o autismo é o isolamento social a que estas famílias estão sujeitas, visto que muitas vezes as “estereotípicas”, o isolamento e a ausência do brincar que são características do comportamento autista acabam por afastar a família do convívio social, pois os pais se sentem incomodados quando as pessoas, por não

<sup>24</sup> SCHMIDT, C; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Interação em Psicologia* [online], v. 7, n. 2, p. 111-120, jul./dez. 2003, p. 113.

<sup>25</sup> ANDRADE, A. A; TEODORO, M. L. M. Família e autismo: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, vol. 5, n. 2, julho-dezembro 2012.

<sup>26</sup> GOMES, V. F; BOSA, C. A. Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais do desenvolvimento. *Estudos de Psicologia* [online], São Paulo, v. 9, n. 3, 2004, p. 554.

<sup>27</sup> ANDRADE & TEODORO, 2012, p. 137.

<sup>28</sup> NOGUEIRA & RIO, 2011 e ZANATTA *et al*, 2014.

entenderem os comportamentos de seus filhos e suas filhas, passam a emitir olhares e comentários discriminatórios que são percebidos pelos pais como um gesto de preconceito e, na tentativa de protegê-los, optam por se restringir a casa. “Discriminar, ter preconceito ou até mesmo olhar de forma diferente” para a criança mobiliza nos pais, principalmente na mãe, a vontade de proteger cada vez mais esse filho ou filha<sup>29</sup>.

As famílias que convivem com o autismo sofrem também com a tensão financeira, os custos diretos e indiretos com terapias e tratamento do filho ou da filha autista são muito altos, os convênios médicos oferecem pouca ou nenhuma cobertura e as instituições governamentais também apresentam escassos métodos de tratamento. Estes custos incluem consultas com médico especializado, sessões de psicoterapia, em especial o método ABA, sessões de fonoaudiologia, sessões de terapia ocupacional, sessões de equoterapia e medicamentos. Além das terapias e despesas médicas somam-se gastos com equipamentos especializados e brinquedos educativos adaptados. Estudos afirmam que as famílias que possuem um membro com diagnóstico de autismo apresentam uma diminuição de 14% da renda familiar total<sup>30</sup>.

A sobrecarga financeira será um importante fator de impacto na família, uma vez que as mães e pais das crianças com TEA têm que fazer um maior investimento na área da saúde (e por vezes da educação), dedicar mais tempo e atenção aos seus filhos, reduzindo o número de horas de trabalho, ou mesmo deixando de trabalhar, no caso do cuidador principal<sup>31</sup>.

São diversas as implicações que o transtorno do espectro autista traz à dinâmica da família, sendo perceptível que o impacto do mesmo na vida cotidiana destas famílias. O impacto social, pessoal e financeiro que estas famílias vivenciam tornam a convivência com o autismo uma ta-

<sup>29</sup> SMEHA & CEZAR, 2011, p. 46.

<sup>30</sup> MULLER, C. P. P. R. *Perturbações do espectro do autismo na criança: percepção materna do stress parental e do impacto do problema na família*. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15412/1/ulfpie046656\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15412/1/ulfpie046656_tm.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2015.

<sup>31</sup> MULLER, 2014, p. 31.

refa árdua, difícil, exaustiva e, por vezes, dolorosa. A família que recebe um membro autista passa por experiências únicas, tornando-se vulnerável à integração social, com predisposição ao estresse e a uma disfunção familiar<sup>32</sup>.

### **Rede de apoio e *coping* à família (con)vivendo com o autismo**

Zanatta *et al*<sup>33</sup> diz que para conseguir enfrentar as dificuldades e as necessidades que o transtorno do espectro autista produz na estrutura e na organização familiar, a família precisa do suporte de outros; precisa ter uma rede de apoio, por meio da qual é possível receber suporte social, emocional, cognitivo e até financeiro. “Uma rede social fortalecida ajuda o indivíduo a enfrentar situações estressantes, como, por exemplo, receber o diagnóstico de uma doença crônica”<sup>34</sup>.

A rede de apoio social representa o “conjunto de relações interpessoais que o indivíduo percebe como significativas, podendo ser composta por amigos, familiares, pessoas da comunidade e profissionais da assistência”<sup>35</sup>.

A literatura define as redes sociais como sendo:

[...] teias de relações que circundam o indivíduo e, desta forma, permitem que ocorra união, comutação, troca e transformação. Ao integrá-la, existe a possibilidade de se organizar socialmente como uma estrutura descentralizada, em que todos podem, simultaneamente, ocupar diferentes e distintas posições, dependendo dos interesses e dos temas tratados<sup>36</sup>.

Além da rede de apoio, é necessário que a família desenvolva estratégias de *coping* para ultrapassar todas as suas dificuldades frente ao

<sup>32</sup> CORNEL, A. E. M. Impacto do Diagnóstico. In: OMAIRI, C. (Org.). *Autismo: perspectivas no dia a dia*. Curitiba: Íthala, 2013.

<sup>33</sup> ZANATTA *et al*, 2014.

<sup>34</sup> BRUSAMARELLO, Tatiana et al. Redes sociais de apoio de pessoas com transtornos mentais e familiares. *Texto contexto – Enferm.* [online]. vol. 20, n. 1, 2011, p. 38.

<sup>35</sup> ZANATTA *et al*, 2014, p. 277.

<sup>36</sup> BRUSAMARELLO *et al*. 2011, p. 34.

quadro de autismo apresentado por seus filhos e suas filhas. O conceito de *coping* tem sido descrito como “o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se às circunstâncias adversas ou estressantes, podendo estas estratégias estruturarem-se de duas formas: (a) focalizado no problema; e (b) focalizado na emoção”<sup>37</sup>.

### Quadro 1 – Principais estratégias de *coping* para as famílias de crianças com TEA

ARTIGO	ESTRATÉGIAS DE COPING FAMILIAR
Schmidt & Bosa, 2003	Crenças religiosas por parte dos pais auxiliam na superação de dificuldades no momento da imposição do diagnóstico e durante a realização da terapêutica
Bosa, 2006	Intervenções psicossociais (estimular o desenvolvimento social e comunicativo) são eficazes. Forte influência do apoio social e do sistema de saúde sobre a redução do estresse familiar.
Schmidt, et al, 2007	Foram usadas: ação agressiva, evitar e ignorar os estressores, distração, busca de apoio social/religioso, ação direta, inação, aceitação, expressão emocional e reavaliação das ações/planejamento de novas ações.
Barbosa & Fernandes, 2009	Fatores como: acesso a lazer, saúde e transporte têm papel importante na qualidade de vida percebida por pais de crianças com TEA.
Favero-Nunes & Santos, 2010	O acesso a atendimento médico especializado e a disponibilidade de uma equipe multiprofissional, composta principalmente por psicólogos e educadores, contribuem para redução da sobrecarga física e emocional das mães.
Bagarollo & Panhoca, 2010	O trabalho terapêutico fonoaudiólogo é fundamental, pois o funcionamento sociocognitivo dos portadores de TEA está associado ao perfil comunicativo, auxiliando a convivência com os pais.
Vieira & Fernandes, 2013	O meio ambiente e a assistência médica influenciam na melhoria da qualidade de vida da criança portadora de TEA e dos parentes.

<sup>37</sup> SCHMIDT, C., DELL'AGLIO, D. D. & BOSA, C. A. Estratégias de Coping de Mães de Portadores de Autismo: Lidando com Dificuldades e com a Emoção. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online], v. 20, n. 1, 2007, p. 20.

As estratégias de *coping* mais populares são as de apoio dos membros da família. Outras estratégias positivas incluem a participação em atividades religiosas e outras atividades individuais. Uma família que funcione bem pode diminuir o stress no sistema familiar e pode melhorar as vivências de uma criança com autismo<sup>38</sup>.

A família se configura como a primeira rede de apoio para o enfrentamento das adversidades sentidas pelos pais em decorrência das limitações e necessidades do filho e filha com autismo. As relações familiares são uma fonte de auxílio e amparo em diferentes níveis: emocional, físico, social e financeiro. A família estendida composta, por avós, tios/as, primos/as e sobrinhos/as, fornecem suporte afetivo, e muitas vezes financeiro, para os cuidados com a criança autista. A relação fraternal é uma importante estratégia de socialização, pois possibilita trocas e interações. Os avós também são importantes figuras de apoio, principalmente, afetivo e emocional, diante da situação atípica da criança<sup>39</sup>.

A equipe de profissionais que prestam assistência à criança autista é outra rede de apoio para famílias, que na tentativa de encontrar soluções e formas de ajudar o seu filho e a sua filha a diminuir os déficits no desenvolvimento, buscam um acompanhamento técnico, que engloba os profissionais da saúde e da educação. Os pais buscam profissionais capacitados para lidar com as demandas da criança, é importante que esses profissionais exerçam um papel educador fornecendo informações pertinentes ao quadro clínico e ao tratamento e discutido as possibilidades e estratégias que possam auxiliar no desenvolvimento da mesma<sup>40</sup>.

Os profissionais que lidam com famílias que possuem um membro autista precisam adotar uma postura acolhedora favorecendo a expressão dos pensamentos e sentimentos que são suscitados pelo convívio doloroso com a situação e pelo contato com serviços que se mostram pouco ou nada resolutivos<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> DIXE, M. A.; Marques, M. H. Famílias com e sem filhos autistas: Funcionalidade, Estratégias de Coping Familiar e Bem estar Pessoal. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, abr., 2010, p. 863-869.

<sup>39</sup> SMEHA & CEZAR, 2011; BRUSAMARELLO *et al.* 2011.

<sup>40</sup> NOGUEIRA & RIO, 2011; SMEHA & CEZAR, 2011.

<sup>41</sup> FAVERO-NUNES & SANTOS, 2010.

Neste contexto surgem pais e mães que ávidos por compreender os comportamentos de seus filhos e filhas e proporcionar os cuidados necessários, tornando-se verdadeiros *expert* na complexa síndrome denominada Transtorno do Espectro Autista. A busca por conhecimento técnico-científico, tais como terapias e medicamentos inovadores, tratamentos revolucionários e pesquisas avançadas na área das neurociências são estratégias adotadas pelos pais para o enfrentamento das adversidades<sup>42</sup>.

A falta de compreensão e de informações precisas sobre o quadro coloca a família em uma posição de “não saber” sobre a condição da criança. Esse desconhecimento desperta uma gama de sentimentos disfóricos: de desconfiança, raiva e perplexidade<sup>43</sup>.

As entidades civis representadas pelas associações de pais e amigos de autista, tais com a Associação Brasileira de Autismo – ABRA, Associação de Amigos do Autismo – AMA, Associação para Inclusão e Apoio ao Autista – AIA, entre outras, cujo objetivo é dar apoio, integrar e representar as pessoas com TEA, são também uma rede de apoio social para as famílias com criança autista. “Estes locais são espaços de troca de experiências e amparo, onde é possível falar sobre as dificuldades do dia-a-dia, dos sentimentos e das frustrações; assim como esclarecer dúvidas e aconselhar-se com profissionais”<sup>44</sup>.

A troca de experiências comuns produz segurança e motivação para criar filhos e filhas autistas, e permite que a família perceba que não está só, que outras famílias também passam pelas mesmas dificuldades e adaptações, o que possibilita o conforto de pertencer a um grupo, de ser entendido, favorecendo desta forma a construção e manutenção da autoestima<sup>45</sup>.

Ressalta-se a importância do apoio espiritual/religioso às famílias de crianças com autismo, pois a crença em um ser Superior sustenta a esperança, ameniza a angústia de conviver com as implicações do

---

<sup>42</sup> MARQUES & DIXE, 2011.

<sup>43</sup> FAVERO-NUNES & SANTOS, 2010, p. 213.

<sup>44</sup> ZANATTA *et al.* 2014, p. 280.

<sup>45</sup> BRUSAMARELLO, 2011.

autismo e facilita a adaptação da família as adversidades vivenciadas no cotidiano<sup>46</sup>.

A busca da religião, enquanto meio de superação do sofrimento e de aquisição de forças para manter a vida, denota o desejo de tentar superar as desigualdades e injustiças e a busca de integralidade humana. Sendo assim, uma forma de resistência frente a realidade vivida<sup>47</sup>.

Podemos definir a espiritualidade como sendo uma “propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível: um sentido de conexão com algo maior que si próprio” e que pode ou não incluir uma participação religiosa formal<sup>48</sup>. Faz-se necessário fazer a distinção entre espiritualidade e religiosidade que, apesar de estarem relacionadas, não são sinônimas. A espiritualidade faz parte da dimensão humana que procura responder as questões humanas sobre o significado e o propósito da vida; a crença e a fé em um ser Superior busca dar sentidos a existência e seus significados; já a religiosidade envolve a sistematização do culto e das crenças, é a doutrina que se utiliza de rituais e símbolos para mediar a aproximação dos indivíduos com o sagrado<sup>49</sup>.

Para Butzke<sup>50</sup>, a espiritualidade é “a forma com a qual o cristão ou a comunidade cristã expressa a sua fé”, sendo essa “a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito Santo”, o que a torna pessoal e existencial. Por tanto, espiritualidade inclui, em seu processo, a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida cristão e realiza-se em quatro áreas: na vida pessoal, na comunhão familiar ou grupal, na comunhão da comunidade e na vida social. As formas devem ser transparentes para a vida em sua totalidade.

<sup>46</sup> SMEHA & CEZAR, 2011.

<sup>47</sup> PIETRUKOWICZ, M. C. L. C. *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde* (Dissertação de Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 2001, p. 34.

<sup>48</sup> GUIMARÃES, H. P.; AVEZUM, A. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Rev. Psiq. Clín.* [online], v. 34, supl 1, 2007, p. 89.

<sup>49</sup> GUIMARÃES, H. P.; AVEZUM, 2007.

<sup>50</sup> BUTZKE, P. A. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, 2003, p. 106.

A espiritualidade é uma busca humana em direção a um sentido, com uma dimensão transcendente. Envolve a tentativa de compreensão de um ser superior que pode estar ligada a uma figura divina ou força superior. Traz um sentido de pertença maior do que o âmbito individual. E esta caminhada espiritual na busca pelo sentido da existência pode partir de um dogma religioso ou de uma construção interior<sup>51</sup>.

Breitbart<sup>52</sup> aponta que o sentido da vida é uma orientação para a existência, uma busca espiritual na compreensão das causas para os fenômenos vividos, considerando um lócus interior, ou seja, não jogando a culpa sempre nos outros. Faz parte deste processo espiritual uma constante reavaliação das experiências vividas e dos atos cometidos.

Em situações de dor e desamparo muitas pessoas, sobretudo aqueles que se encontram desesperançados, “tendem a buscar refúgio em um transcendente, ou seja, nos momentos em que ocorre a perda das referências e o surgimento do sentimento de insegurança, a preocupação com questões voltadas à espiritualidade tende a renovar a busca pelo sentido da vida”<sup>53</sup>.

Frankl<sup>54</sup>, concebe o ser humano como um ser bio-psico-espiritual, onde a espiritualidade “é considerada uma das dimensões do ser humano que vai além da dimensão religiosa ou o do supra-natural”.

A dimensão espiritual é o ponto de partida e de chegada para uma compreensão mais real e total do homem, ou seja, somente quando se fala do espiritual é que se começa a falar do especificamente humano do homem e, enquanto pessoa espiritual, o que o caracteriza verdadeiramente não é a impulsividade, mas a responsabilidade<sup>55</sup>.

<sup>51</sup> RODRIGUES, 2012.

<sup>52</sup> BREITBART, W. Espiritualidade e sentido nos cuidados paliativos. *O Mundo da Saúde* [online], v. 27, n. 1, p. 41-57, 2003.

<sup>53</sup> HOCH, L. C. A Crise Pessoal e sua Dinâmica. In: SANTOS, H. N. (Org). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 21.

<sup>54</sup> FRANKL, V. *Psicoterapia e sentido da vida*. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003, p. 38.

<sup>55</sup> LEAL, A. L.; RÖHR, F.; POLICARPO JUNIOR, J. *Resiliência e espiritualidade: algumas implicações para a formação humana*. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/173/164>>. Acesso em: 10 set. 2013, p. 16.



Para Frankl<sup>56</sup> existe uma fé inconsciente e um “inconsciente transcendental” que não se limita apenas à dimensão de religiosidade, mas também à dimensão intelectual ou artística, consideradas forças primárias e dinamizadoras desse mesmo inconsciente, ou seja, a origem da consciência se encontra no transcendente.

Portanto a espiritualidade assume um importante tipo de apoio social, ela se apresenta não como solução do problema, mas sim como uma modalidade de ajuda para o enfrentamento de adversidades, amenizando a dor e o sofrimento, diminuindo a ansiedade e a depressão<sup>57</sup>.

É neste contexto que o aconselhamento pastoral aparece como uma estratégia para auxiliar e apoiar as famílias que convivem com o autismo, pois “o aconselhamento pastoral parte do princípio de que a espiritualidade faz parte do todo do ser humano. Sendo assim, o exercício da espiritualidade pode contribuir para o crescimento integral do indivíduo enquanto pessoa”<sup>58</sup>.

O aconselhamento pastoral por entender que a espiritualidade é essencial para o bom desenvolvimento dos sistemas, seja família, comunidade e outros, possibilita a ajuda efetiva por meio de suporte espiritual e rede de apoio da Igreja<sup>59</sup>.

O cuidar de uma criança com autismo é um processo exigente e que requer muito tempo por parte dos pais, o que detém um impacto importante na vivência familiar e marital, atividades de lazer, de socialização e, também, econômicas. Assim, é importante que os profissionais apoiem e incentivem os pais na procura de atividades que envolvam apenas o cônjuge e os outros filhos como estratégia para reduzir o *stress* do dia a dia de cuidados ao filho com PEA. O convívio com amigos e família alargada também deve ser incentivado, dado que estes pais tendem a isolar-se, quer devido ao estigma e incompreensão da sociedade quer

<sup>56</sup> FRANKL, 2003.

<sup>57</sup> PIETRUKOWICZ, 2001, p. 22.

<sup>58</sup> SOARES, 1999, *apud* MARTINS, M. *A família de pessoa com autismo e o cuidado na perspectiva do Aconselhamento Pastoral*. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=377](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=377)>. Acesso em: 20 jul. 2015, p. 89.

<sup>59</sup> MARTINS, 2012.

devido à sobrecarga dos cuidados. Os profissionais devem questionar as famílias sobre dificuldades financeiras para facilitar o acesso a serviços e recursos adequados e disponíveis.

### **Considerações finais**

Quando nasce um filho com autismo, o impacto do diagnóstico nos pais faz com que o ciclo de vida familiar se altere, acarretando um esforço adicional para os pais, pois têm de se reorganizar para se adaptarem à família com uma realidade nova.

Baião (S/D) diz que,

O aparecimento de uma criança com deficiência na família vai desencadear no seu seio uma série de reações. Quanto mais grave for a deficiência, maior será a angústia do agregado familiar, especialmente dos pais, perante uma situação nova, inesperada, desconhecida e perturbadora. Um acontecimento que afeta qualquer um dos membros da família tem impacto sobre todos os outros, pelo que a presença de uma criança com deficiência altera a natureza e a dinâmica das interações familiares.

As características específicas do autista, somadas à gravidade do transtorno, podem constituir estressores em potencial para as famílias. Apoio e orientação às famílias, portanto, são fundamentais para que elas possam se adaptar as adversidades e promover o desenvolvimento das pessoas com autismo de maneira inclusiva. “As famílias, quando conscientes do seu papel, apoiam a inclusão e empoderam as pessoas com autismo em todos os aspectos da vida para que participem cada vez mais na sociedade”<sup>60</sup>.

Apesar da adversidade de ter um filho ou uma filha com necessidades especiais, conhecendo bem os mecanismos que conduzem aos processos adaptativos e tendo presente o desenvolvimento normal e a caracterização das psicopatologias, as estratégias de enfrentamento poderão

---

<sup>60</sup> SMEHA & CEZAR, 2011, p. 44.

ser promovidas. A utilização de estratégias de *coping* e a rede de apoio reduzem os sofrimentos vivenciados pela família, bem como lhes possibilita uma nova forma de enfrentamento do transtorno, o que viabiliza um bem-estar familiar.

O apoio familiar, o apoio técnico e o suporte espiritual constituem uma rede social de apoio às famílias que possuem um membro com autismo. O autismo é uma palavra carregada de significados, carregada de medo e de desconfiança por aqueles que não convivem com ele e de frustração por aqueles que enfrentam o distúrbio diariamente. A palavra autismo é apenas isso, uma palavra, um rotulo dado a uma diversidade de distúrbios que afetam uma parcela da população, mas que não os define enquanto pessoa. Não é o estereótipo que vemos nos filmes, o autismo está a nossa volta, pode ser o vizinho que é meio calado ou a criança que parece jamais fazer o que lhe pedem, pode ser o seu filho ou sua filha.

### Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM V*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANATTA, E. A.; et al. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. *Revista Baiana de Enfermagem* [online], Salvador, v. 28, n. 3, p. 271-282, set./dez. 2014.
- ANDRADE, A. A.; TEODORO, M. L. M. Família e autismo: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, vol. 5, n. 2, julho-dezembro 2012.
- BAGAROLLO, M. F.; PANHOCA, I. A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. vol. 16, n. 2, p. 231-250, 2010.
- BAIÃO, C. F. *Aliança parenteral e estilos parenterais em famílias com ou sem crianças autistas*. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/733/1/17398\\_Monografia\\_de\\_C.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/733/1/17398_Monografia_de_C.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2014.
- BARBOSA, M. R.; FERNANDES F. D. Qualidade de vida dos cuidadores de crianças com transtorno do espectro autístico. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* [online]. n. 14, p. 482-486. 2009.

- BREITBART, W. Espiritualidade e sentido nos cuidados paliativos. *O Mundo da Saúde* [online], v. 27, n. 1, p. 41-57, 2003.
- BRUSAMARELLO, Tatiana et al. Redes sociais de apoio de pessoas com transtornos mentais e familiares. *Texto contexto – Enferm.* [online]. vol. 20, n. 1, p. 33-40, 2011.
- BUTZKE, P. A. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, 2003.
- CORNEL, A. E. M. Impacto do Diagnóstico. In: OMAIRI, C. (Org.). *Autismo: perspectivas no dia a dia*. Curitiba: Íthala, 2013.
- COSTA, S. C. P. da. *O impacto do diagnóstico de autismo nos pais*. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Centro Regional das Beiras. Universidade Católica Portuguesa, Viseu. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11964/1/O%20impacto%20do%20diagn%C3%B3stico%20de%20autismo%20nos%20pais.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- DIXE, M. A.; Marques, M. H. Famílias com e sem filhos autistas: Funcionalidade, Estratégias de Coping Familiar e Bem estar Pessoal. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, abr. p. 863-869. 2010.
- FAVERO, M; SANTOS, M. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: reflexão e crítica* [online], v. 18, n. 3, p. 358-369. 2005.
- FAVERO-NUNES, M. A; SANTOS, M. A. dos. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol. 23, n. 2, p. 208-221, 2010.
- FRANKL, V. *Psicoterapia e sentido da vida*. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.
- GOMES, V. F; BOSA, C. A. Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais do desenvolvimento. *Estudos de Psicologia* [online], São Paulo, v. 9, n. 3, p. 553-561, 2004.
- GUIMARÃES, H. P.; AVEZUM, A. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Rev. Psiq. Clín.* [online], v. 34, supl 1; p. 88-94, 2007.
- HOCH, L. C. A Crise Pessoal e sua Dinâmica. In: SANTOS, H. N. (Org.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

- LEAL, A. L.; RÖHR, F.; POLICARPO JUNIOR, J. *Resiliência e espiritualidade: algumas implicações para a formação humana*. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/173/164>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- MARQUES, M. H.; DIXE, M. dos A. R. Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. *Rev. psiquiatr. clín. [online]*. vol. 38, n. 2, pl. 66-70, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v38n2/v38n2a05.pdf>>. Acessado em: 11 set. 2015.
- MARTINS, M. *A família de pessoa com autismo e o cuidado na perspectiva do Aconselhamento Pastoral*. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=377](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=377)>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- MULLER, C. P. P. R. *Perturbações do espectro do autismo na criança: percepção materna do stress parental e do impacto do problema na família*. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15412/1/ulfpie046656\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15412/1/ulfpie046656_tm.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2015.
- NASIO, J. D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- NOGUEIRA, M. A. A; RIO, S. C. M. M. A família com criança autista: apoio de enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental [online]*, v. 5, jun. 2011.
- PIETRUKOWICZ, M. C. L. C. *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde* (Dissertação de Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 2001.
- RODRIGUES, R. S. *O aconselhamento pastoral e sua abordagem em pacientes oncológicos: da crise à intervenção*. São Leopoldo: EST/PPG, 2012.
- SCHMIDT, C., DELL'AGLIO, D. D. & BOSA, C. A. Estratégias de Coping de Mães de Portadores de Autismo: Lidando com Dificuldades e com a Emoção. *Psicologia: Reflexão e Crítica [online]*, v. 20, n. 1, 2007.
- SCHMIDT, C; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Interação em Psicologia [online]*, v. 7, n. 2, p. 111-120, jul./dez. 2003.

- SMEHA, L. N. & CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo* [online], Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2011.
- SIEGEL, B. *O Mundo da Criança com Autismo: compreender e tratar perturbações do espectro do autismo*. 2<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora, 2008.
- SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. vol. 17, n. 2. Brasília, Mai-Ago/2001.
- SILVA, M. O. E. da. Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. *Rev. Lusófona de Educação*, Lisboa, n. 13, p. 135-153, 2009. p. 138. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-72502009000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502009000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 maio 2015.
- VIEIRA, C. B. M.; FERNANDES, F. D. M. Qualidade de vida em irmãos de crianças incluídas no espectro do autismo. *CoDAS* [online]. vol. 25, n. 2, p. 120-127, 2013.
- ZANATTA, E. A; *et al.* Cotidiano de família que convivem com o autismo infantil. *Revista Baiana de Enfermagem* [online], Salvador, v. 28, n. 3, p. 271-282, set./dez. 2014.

Submetido em: 05/05/2016

Aceito em: 22/06/2016